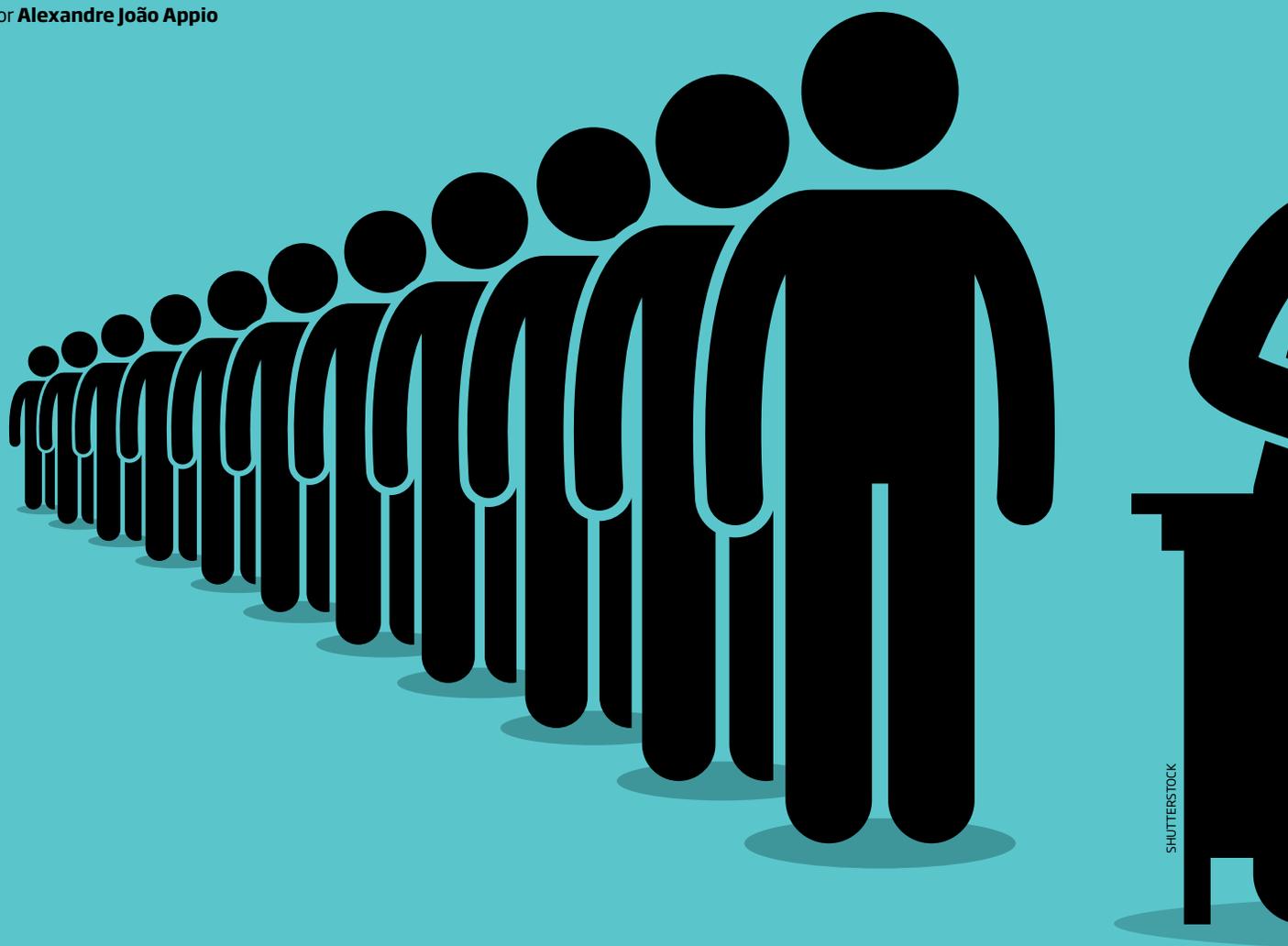


ALIENAÇÃO

como modo de vida

Para o sistema se emancipar, o indivíduo faz parte dele como peça da engrenagem, ou uma marionete. Assim, ele defende o sistema, ilusoriamente, como se fosse a sua própria emancipação

por Alexandre João Appio



SHUTTERSTOCK

“Não é um grande feito ouvir uma voz na sua cabeça. O feito é se certificar de que ela está falando a verdade.”

Burton (2017, p. 37)

A certeza está por todos os lados. O fundamentalismo está em pleno vigor. Autoridades e “formadores de opinião” brotam por qualquer meio e com total convicção dizem por que deve-se tomar certas atitudes ou ações. Estes afirmam amplas verdades – as suas – como sendo de todos. Espalham pelas redes sociais sua visão de mundo, e esta “viraliza” como sendo única, sem nenhuma análise ou fonte confiável.

Torna-se entendível esse comportamento em um país que tem 68% da população votante – por volta de 130 milhões – até o ensino médio incompleto como escolaridade; ou seja: quem acaba o ensino médio faz parte de 32% da população, conforme o TSE. A pergunta que nos fazemos é de que maneira esses sujeitos interpretam a realidade e a sociedade.

Como adendo, algumas observações se fazem importantes. A democracia que tanto se fala não passa disso. Discurso. Alguns dizem: pelo menos temos direitos... seria o direito de consumirmos o que queremos? Como salienta Lipovetsky (2007), estamos em um fascismo voluntário e ainda lutamos por ele, acreditando que o Outro tem razão, pois este tem algum tipo de legitimidade que discursivamente lhe dá o aval de formador de opinião.

Não seria a necessidade de alienação¹ uma constante, ou um modo de vida? A incapacidade de perceber e interpretar o entorno e o significado interdependente de viver em sociedade levam a acreditar que as notícias tendenciosas são a verdade.

Pode-se perceber que os atos violentos e o desrespeito cotidiano se estruturam a partir dessa não percepção. Em tempo: vive-se melhor em uma constante ilusão de que está tudo bem, que os problemas se resolvem por si, que realmente alguém preza pela gente, que os governantes estão lá pelo povo e para o povo pelo qual foram eleitos, que a urna eletrônica é a invenção do século e o Brasil está na vanguarda, o voto direto e obrigatório é realmente um símbolo da democracia, que temos qualidade de vida, que a educação está melhorando, que não existe inflação, entre outras inúmeras afirmações, podem ser nosso aporte diário de ilusórias verdades. E assim vive-se melhor, sem contato com as mazelas reais. Estas causam certo grau de aflição e até depressão, pois não são encontradas saídas coerentes.

Como podemos dizer que somos cidadãos ou participamos da suposta democracia no Brasil? Com participação. Mas como podemos fazer isso? Com conscientização dessa necessidade. Mas também não tem sentido ter consciência se não se tem a informação de por que ou do que aconteceu. E por sua vez, de que importa termos informação, se não ocorre a efetiva interpretação da mesma? E até para isso temos que ter o devido conhecimento do ocorrido. E como ter acesso ao conhecimento? Com educação, e em especial educação das áreas de humanas, como Sociologia e Filosofia. Percebe-se portanto que a cidadania ou democracia efetiva são mais complexas do que se supõe.

A CULPABILIDADE

A exemplo, o recente episódio da greve do transporte de cargas devido à alta do

¹ Alienação aqui será definida como o alienar-se ao Outro, deixar que o Outro tome as decisões. Papel de aceitação frente a ocorrências de sua própria vida.



diesel, ocasionando falta de combustíveis. Considere-se que a matriz dos transportes no país é rodoviário. A impressão que se tem é a de que o sujeito deve encontrar alguém para culpar e esse alguém passa a ser o governo no caso. Se fôssemos analisar a culpabilidade, vamos perceber que não é assim tão linear, particionado. Parece que o cartesianismo² é proporcional à capacidade intelectual: quanto menor esta, menos se percebem o contexto, as consequências, as interdependências.

Assim sendo, não se percebe que nossa altíssima carga tributária deve ser paga e para isso deve-se arrecadar de alguma fonte, sendo uma delas os combustíveis, igualmente como todos os produtos consumidos. E por que a alta carga tributária? Devido a dívidas vultosas para grandes obras, inclusive – como estádios –, na maioria das vezes, superfaturadas devido a desvios para financiar, entre outras coisas, campanhas políticas. Essas são eficientes somente com ampla e caríssima publicidade, pois a população deve “conhecer” melhor o candidato, e quanto mais este aparece com belos discursos, mais é votado, já que o voto direto obriga o sujeito a votar em alguém. Sem falar nas eleições muito lucrativas a cada quatro anos.

² Cartesianismo: conceito da atual ciência que se baseia no particionamento para poder estudar o objeto, paciente ou situação em partes, por especializações. Estabelecido por René Descartes, século XVIII.

E por que a alta carga tributária? Devido a dívidas vultosas para grandes obras, como estádios, na maioria das vezes, superfaturadas devido a desvios para financiar, entre outras coisas, campanhas políticas. Essas são eficientes somente com ampla e caríssima publicidade

Claro, a breve explanação é um tanto linear, mas percebe-se a complexidade dos processos que, se não fosse a capacidade de entender e interpretar, não são compreensíveis e assim culpa-se o governo ou alguém. Então, no fim das contas, o grande problema está no sistema eleitoral do país, não propriamente devido às decisões do presidente (que só representa e sanciona aprovações prévias do Legislativo).

O voto deveria ser facultativo e distrital, com eleições unificadas (município, estado e união), e um mandato de cinco anos, pelo menos. Assim, o que se inicia em um mandato é mais completo e concluído, percebendo-se mais facilmente o que realmente acontece. Esse debate seria, dessa maneira, sério. A reforma política que se percebeu foi uma encenação sem plateia.

Mas... quem percebe todo esse contexto? Possivelmente um ínfimo percentual. A Sociologia auxilia justamente nessa compreensão dos fluxos, das verdades, das interpretações sociais inerentes ao cotidiano dos sujeitos.

A EDUCAÇÃO

Desde o nascimento, nos perguntamos de onde viemos, para que existimos e para onde vamos. A Sociologia e a educação estudam inúmeras alternativas de resposta a essas perguntas. É difícil encontrar a linha divisória entre Sociologia e educação em sua finalidade.

O homem é o único animal que nasce totalmente dependente. Precisa ser educado e socializado desde o primeiro dia de vida. A aprendizagem começa com seu nascimento. Logo, torna-se fundamental o tipo de educação que se impõe a esse pequeno ser, e deve ser orientado quanto às limitações sociais, econômicas e culturais que existem, bem como as diferenças interdependentes às quais estamos inseridos. Educação e cidadania são complementares. Não existe cidadão sem conhecimento do meio ao qual está inserido.

Mas... o que se vê na prática?

Os índices de qualidade na educação estão decaindo, mas a população anda muito ocupada se ofendendo nas redes sociais, com razão absoluta sobre tudo, sem interpretar o contexto da informação. Devemos dar-nos conta de que a fase de memorização para os alunos acabou. Hoje, é solicitada a análise crítica dos processos em uma configuração ideal. Busca-se analisar qual a relação de uma situação ou contexto com outra, e as interdependências são consideradas com seriedade, bem como as relações de um evento com outro, dos eventos sociais com o cotidiano. Claro, deveria ser analisado, pois depende de professor, currículo da escola, entre outros.



Manifestantes pedem o retorno do voto impresso em 100% das urnas

Definitivamente, vida não é uma “decoreba”, na qual existe somente o programado e pronto. Mas ocorre o esquecimento dessa afirmativa e pode-se perceber que se faz visível em toda a sociedade ou segmentos. É o reflexo do paradigma no qual o sujeito está sempre esperando: que alguém faça algo por ele, que alguém venha investir em nossa economia, que alguém nos dê o que precisamos, como se não tivéssemos a capacidade de formar nossos cientistas, ter nossa economia sustentável, ter nossa educação plausível etc. É a herança de um sistema colonial exploratório e nocivo, mas que incutiu essa mentalidade em nossa sociedade, bem como a incapacidade de desenvolvimento de “dentro pra fora”, a partir de nossa economia, valorizando o que é nosso e consequentemente gerando emprego e renda dentro do país.

Toda a gênese industrial do país, a partir da década de 1950, com o primeiro milagre brasileiro e a substituição de importações colocaram o Brasil em uma relação de subordinação e endividamento tal que até hoje estamos pagando por essas decisões. E não investimos em educação para um “desenvolvimento”³ social e econômico sustentável.

INTERDEPENDÊNCIAS

Na tentativa de entendimento das motivações comportamentais acima, deve-se sempre ter em mente que a Sociologia é o estudo da sociedade, de suas interferências, situações, valores e principalmente como se estabelecem as mudanças e interferências sociais. Ela agrega a Psicologia, a História, a Geografia, a Filosofia, a política, a educação e a saúde. Portanto, nos faz entender os comportamentos do sujeito frente a sua realidade.

Essa ciência, mais que em outras humanas, é estabelecida por fatos relacionais. Ela promove em todas as situações

³ Em tempo: Quando se fala em “crescimento” econômico, a pauta é somente na economia. Quando a referência é em “desenvolvimento”, a pauta é além da economia, a parte social, medida pelo IDH.



COMANDO NACIONAL DO TRANSPORTE/FOTOS PÚBLICAS
Greve dos caminhoneiros, ocorrida em 2018 em todo o Brasil

É o paradigma no qual o sujeito está sempre esperando: que alguém faça algo por ele, que alguém venha investir na economia, que alguém dê o que precisamos, como se não tivéssemos a capacidade de formar cientistas, ter nossa economia sustentável, ter nossa educação plausível etc

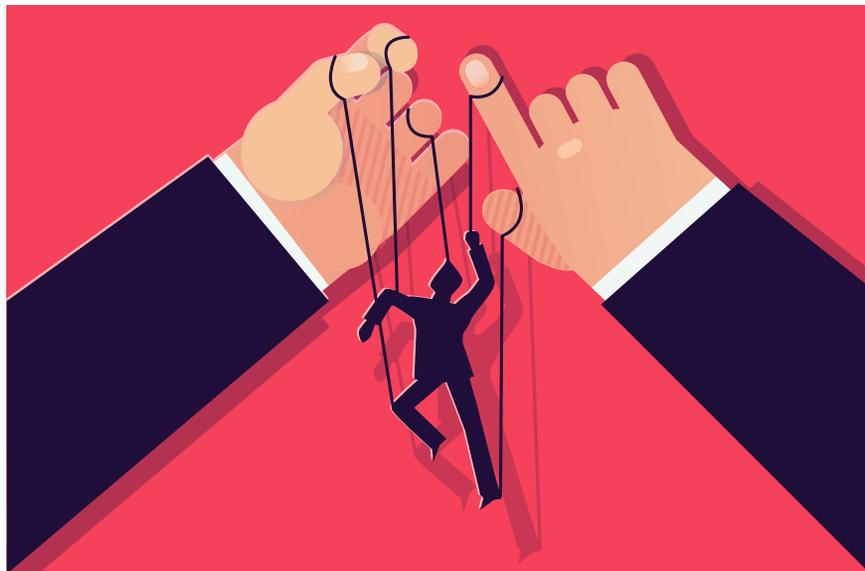
relações com outros assuntos da História, Geografia, Filosofia. É integradora, inclusiva e propõe-se a ser imparcial. EsSa imparcialidade depende das concepções de sociedade dos diferentes autores (Apio, 2013). É complexa, refletindo as mazelas sociais e humanas, talvez por isso seja um tanto discriminada, a ponto de se pensar em suprimi-la dos currículos escolares no ensino médio.

Alguns importantes autores fazem essas referências, como Roudinesco (2000), que relaciona a Sociologia e saúde e aponta que todos os estudos sociológicos mostram igualmente que a sociedade está

depressiva e tende a romper a essência da vida humana. Entre o medo da desordem e a valorização de uma competitividade baseada unicamente no sucesso material, muitos são os sujeitos que preferem entregar-se voluntariamente a substâncias químicas a falar de seus sofrimentos íntimos. O silêncio, por um lado, passa a ser preferível à linguagem, fonte de angústia, quando se trata de falar de si (p. 30). Percebe-se que é mais fácil falar do outro como sistema de aporte, e se ele não tem nenhum vínculo mais próximo, passa a ser o culpado de minhas angústias e posso agredi-lo, sem culpa.

Analisando melhor o contexto, quando falamos em discurso e as motivações de sua eficiência, citamos outro autor: Pavon-cuellar (2014) menciona que o discurso não causa efeitos idênticos aos diferentes indivíduos, e, sendo assim, produz também reações diferentes. E a maneira diferente de reação determinará os efeitos sociais desse discurso, da linguagem e da estrutura significativa do sistema simbólico da cultura.

O autor explica que a verdade não se caracteriza por ser exata, clara, convincente, sensata, realista, crível e compreensível: sua manifestação requer uma mentira efetiva. Muitas vezes, acreditamos em situações e regimes, mas na esperança de uma verdade, sendo esta um desejo. Todas as lutas, anseios, revoluções só acontecem se ocorre a crença na mesma, nas ações com esse intuito: “A palavra que não causa revoluções é precisamente porque deixamos de crer nela” (p. 111).



Quando os sujeitos se convertem em peças do sistema, quando funcionam com o sistema e deixam de dificultar seu funcionamento, então o sistema se emancipou e funciona livremente, sem restrições. Nesse caso, os indivíduos experimentam a emancipação do sistema como se fosse sua própria emancipação. Por isso lutam por ela e por seus discursos.

Igualmente os trabalhadores, por mais que sejam reprimidos, estão conscientemente identificados com o sistema que os oprime, e em virtude dessa identificação, já não se percebem como reprimidos, pois formam parte do mecanismo repressivo inconsciente. O problema é que esse mecanismo utiliza toda a força dos próprios indivíduos, para sua libertação do mesmo mecanismo. Nossa liberdade é passiva, manipulada, ilusória, somente simbólica. Como o autor salienta, “nossa morte real pode ser provocada por nossa morte simbólica” (Pavon-cuéllar, 2014, p. 192).

Falando-se em ação coletiva, as ações de cada sujeito são vistas por ele próprio como um discurso que não lhe pertence, é um discurso do Outro, uma alienação. O sujeito se vê reduzido a uma força de trabalho e expressa um discurso que não lhe pertence, mas o Outro que o articula e explora o sujeito como mão de obra somente.

O DESAMPARO

Esse processo leva a um substancial desamparo dos sujeitos. Muitas vezes os leva a uma busca pelos deuses ou religião como uma tentativa de buscar a suposta felicidade. Nesse sentido, os sujeitos se tornam vulneráveis a aderir a discursos que prometem a felicidade artificial, livre de todos os males, a sociedade perfeita em que todos se amam e não se matam, aquele lugar em que há o controle da vida e da morte; do psiquismo indomável – uma sociedade sem atritos e sem diferenças.

Nessa sociedade vive-se em proximidade, porém superficialmente, evitando-se atritos e relações mais estáveis e profundas e, quando há certo desconforto, surgem alguns comprimidos com a pro-

messagem de eliminar as dores e restaurar a autoestima fundamental na era da “produção farmacológica de si”, diz Le Breton (1999), e assim o sujeito vai vestindo a “camisa de força invisível” que o mantém em um constante estado de torpor.

A educação, nesse contexto, torna-se um empecilho, pois transfere a realidade ao indivíduo, este deve dar-se conta de sua própria possibilidade de insignificância frente a todos os processos que o circundam, e portanto, sendo custoso e sofrido deve ser suprimido.

Nasce, assim, toda uma cultura psicológica baseada na realização imediata e artificial dos desejos, em que cada um é incitado a colocar no pedestal o paraíso, jamais ameaçado, do seu bem-estar pessoal, garantido pela tutela farmacológica. Complementa Safatle:

...passamos de uma sociedade de satisfação administrada para uma sociedade de insatisfação administrada, na qual ninguém realmente acredita nas promessas de gozo⁴ veiculadas pelo sistema de mercadorias – as quais são colocadas para serem descartadas – a começar pelo próprio sistema, que as apresenta cada vez mais autoirônica e crítica. Sociedade em que os vínculos com os objetos são frágeis, mas que ao mesmo tempo é capaz de se

⁴ Para Elisabeth Roudinesco (1998, p. 299), o vocábulo “gozo” surgiu no século XV, mencionando a ação de fazer uso de um bem com o fim de retirar dele as satisfações que ele supostamente proporciona. No início do século seguinte, o referido vocábulo foi tomado por uma dimensão hedonista, tornando-se, então, sinônimo de prazer, alegria, volúpia e bem-estar.

Quando os sujeitos se convertem em peças do sistema, quando funcionam com ele e deixam de dificultar seu funcionamento, então o sistema se emancipou e funciona livremente. Nesse caso, os indivíduos experimentam a emancipação do sistema como se fosse a sua própria emancipação

Dentre os muitos esvaziamentos da vida atual está a descrença na política, na capacidade de organização social e na educação para reivindicar melhorias e soluções de problemas. Cada vez mais destituídas do poder de organização coletiva, sobra a sensação de fracasso individual

alimentar desta fragilidade e disponibilizar a forma vazia da reconfiguração incessante que passa por e anula todo conteúdo determinado (Safatle, 2005, p. 132).

Torna-se visível, portanto, que a insatisfação deve existir e se estabelecer, para, então, novamente buscar algo para suprimir essa “falta”. Essa falta se retroalimenta e se sustenta por essa insatisfação.

Dentre os muitos esvaziamentos da vida atual está a descrença acentuada na política, na capacidade de organização social e na educação para reivindicar melhorias e soluções de problemas que dificultam a vida das pessoas. Cada vez mais destituídas do poder de organização coletiva, sobra a sensação de fracasso individual. Cada sujeito, e somente ele, passa a ser responsabilizado pelos seus tormentos. E quanto maior é a sensação de impotência, coletiva e individual, mais a depressão, o estresse e a ansiedade devoram os sujeitos. A vulnerabilidade da existência é inseparável da degradação da autoestima. Como cada um individualmente já não pode “dar conta” de si, o anestesiamiento passa a ser praticamente a única maneira de ser docilmente feliz. E como nos coloca Roudinesco (2000, p. 16): “Todo individuo tem o direito e, portanto, o dever de não mais manifestar seu sofrimento”.

Em outros tempos, experimentava-se a felicidade atravessando certas situações da vida, às vezes cotidianas e vencendo obstáculos afetivos, profissionais etc. Hoje parece que a exaustão prevalece e não existe a possibilidade de realização através de suas atividades. A obsessão em comprar e manter a sensação

artificial de felicidade enobrece a vida feliz de pessoas tranquilizadas e acalmadas. Busca-se a adequação, em lugar de modificar ou estabelecer uma criticidade, um questionamento. E o cinismo tem um papel fundamental nesse processo, ironizando, de forma absoluta, toda e qualquer determinação.

O estado de entorpecimento cotidiano de milhares de pessoas sufoca suas consciências para ter vidas mais felizes. Dworkin (2007, p. 24) destaca que, embora dolorosa, a infelicidade é indispensável para o desenvolvimento da consciência saudável. A infelicidade ensina uma pessoa o que significa sentir-se insatisfeita ou envergonhada e pode apontar o caminho para uma vida digna⁵. Coloca também (p. 15) que, dopadas, perdem o impulso necessário para a mudança de vida e “ficam em seus velhos

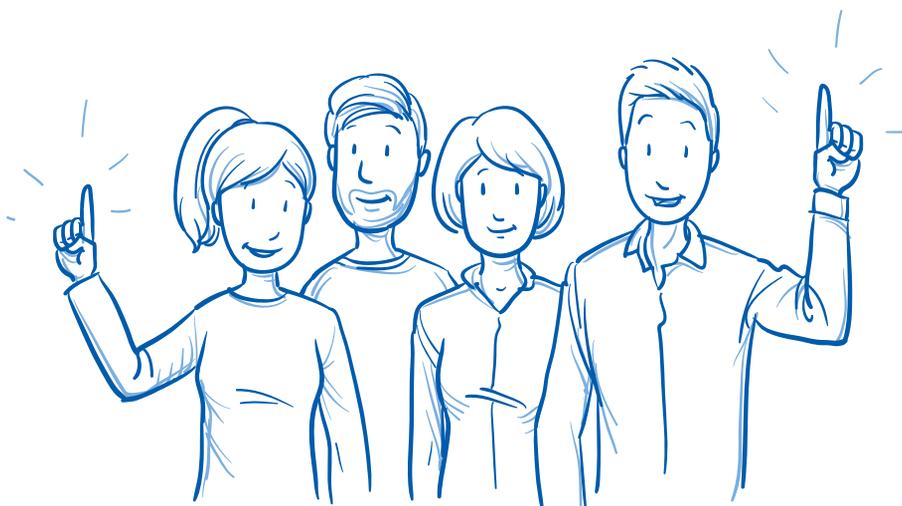
⁵ Interessante ressaltar também que as infelicidades e dores nos moldam e nos ensinam a valorizar certas situações que não seriam possíveis sem essa visão contrária do processo.

trilhos estagnadas em um charco de falsa felicidade, e sacrificam qualquer possibilidade de cair na realidade”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Nessa configuração, o sujeito necessita de algo para motivar por suas frustrações. Alguém deve ser culpado, pois o peso de ser responsável por suas mazelas é difícil de digerir. Assim, as redes sociais passam a ser um meio para encontrar culpados, ou escrever suas frustrações, e assim sentir-se “livre” delas, da mesma maneira que uma terapia. Mas sem fundamentação e conhecimento em suas observações, acaba em certa imbecilização. A falta de conhecimentos de como funciona a sociedade capitalista atual é uma consequência destas observações alienadas. Não somente o desconhecimento da sociedade mas os papéis inerentes a instituições sociais, como a família, em que ainda se pensa que a educação deve ser dada na escola, em uma referência a educação prussiana do século XVIII. Quando na verdade é um papel da família, sendo o papel da escola a transmissão do conhecimento do mundo e da sua realidade.

Como poderia ser dirimido esse processo? Aumentando a carga horária da Sociologia no Ensino médio, não reduzindo-a ou suprimindo-a. Atualmente no Brasil se percebe um sistema de ensino arcaico, desvinculado da realidade, no qual se dá ênfase somente a português e matemática



e não se ensina a pensar, alienando a população em geral a discursos, impedindo a percepção da realidade. Sem mencionar a proliferação do ensino EAD (a distância), outra mazela, formando alunos desqualificados e professores frustrados, em todos os níveis de ensino. Diferente de países vizinhos, como a Argentina, por exemplo, em que se mudou a educação em 20 anos, atualmente com 5% de analfabetos totais; Brasil, 20%.

Nesse processo de alienação fundamentalista que não se sabe onde vai finalizar, o cinismo se estabelece com mais eficiência em todas as relações. O sistema político e econômico pode ser denominado cínico, pois todo entorno é pautado pela ironia, pelo cinismo. Ocorre interesse pelo indivíduo, pela exceção, não pelo coletivo. Quanto mais o indivíduo se encerra na lógica narcísica, mais foge da ideia de subjetividade. Colocamos também Roudinesco:

Assim, o homem doente da sociedade depressiva é literalmente “possuído” por um sistema biopolítico que rege seu pensamento à maneira de um grande feiticeiro. Não apenas ele não é responsável por coisa alguma em sua vida, como também já não tem o direito de imaginar que sua morte possa ser um ato decorrente de sua

Busca-se a felicidade total. E a impressão é que está sendo vivenciada. Será realidade? Ou seria a visão da dopagem ilusória? Vive-se pelos processos momentâneos de satisfação, e estes são perseguidos, não importando as consequências. O que seríamos se não consumíssemos?

consciência ou de seu inconsciente” (Roudinesco, 2000, p. 42).

Visível, portanto, o descompromisso, tanto em nível de mercado – onde tudo se torna descartável – bem como no nível pessoal e social. Com esse cenário, o que sobra para o sujeito? Ele deve se estabelecer,

se sobressair, mas para isso e para tornar-se visível deve consumir além de suas possibilidades. Deve gozar, independente de qualquer outra determinação, nem que para isso tenha que viver medicalizado.

Busca-se a felicidade total. E a impressão é que está sendo vivenciada. Será realidade? Ou seria a visão da dopagem ilusória? Vive-se de ilusão. Vive-se pelo gozo, pelos processos momentâneos de satisfação, e estes são perseguidos, não importando as consequências⁶. Safatle (2005, p. 129) coloca que “com a integração da esfera da sexualidade ao campo dos negócios, ou seja, com a incitação ao gozo como elemento central na lógica de reprodução mercantil do capitalismo, o que proliferam são imagens ideais daqueles que instrumentalizam seus fantasmas e que pautam sua conduta pela sua exigência”. Assim, colocar fotos de felicidade e momentos de ilusão nas redes sociais passa a ser regra, em um culto à autoimagem e finalizando-se nela. Nessa defesa da imagem, as opiniões passam a ser absolutistas, únicas e recheadas de certeza, estas baseadas em opiniões alheias em uma espécie de autoafirmação, buscando mais “curtidas” e assim sentir-se legitimado, aprovado.

⁶ Poderíamos imaginar o que seríamos se não consumíssemos?





dades são sempre peculiares e inerentes ao sujeito. Mas este deve perceber que a sociedade é interdependente até nas mínimas ações diárias. E somos seres sociais, vivemos em comunidade, e esta define nossa identidade, inclusive. A alienação desconecta o sujeito dessa percepção, não percebendo nem seu próprio entorno.

Entendendo melhor as pessoas e o mundo que nos cerca, estaremos nos conhecendo melhor, interpretando nossa realidade e consequentemente estaremos mais preparados para as transformações – antes individuais – e que a sociedade necessita para ser mais humana. ■

Nota-se portanto que não adianta preservar a felicidade se essa sensação não for espetacularizada, vista e, sobretudo, admirada – às vezes fortemente invejada – pelos outros. O que deve envergonhar é a infelicidade. Nada de pudores em exibir a suposta vida feliz. Não por acaso a publicidade e os meios de comunicação, tradicionais e recentes, não cessam de promover a superexposição de pessoas que são as mais felizes dentre as mais felizes, pois a felicidade artificial deve ser sempre fora do comum, excessivamente demais.

Percebe-se a complexidade das percepções sociais e do ser humano. As ver-

Alexandre João Appio é autor do livro *Sociologia – dinâmicas e contextos para sala de aula* (Wak Editora), mestre em Ciências Sociais e especialista em Educação e Saúde Mental.

REFERÊNCIAS

- APPIO, Alexandre J. **Sociologia: dinâmicas e contextos para a sala de aula**. 1. ed. Rio de Janeiro: Wak Editora, 2013.
- BURTON, Robert A. **Sobre ter certeza: como a neurociência explica a convicção**. São Paulo: Blucher, 2017.
- DWORKIN, Ronald W. **Felicidade artificial**. O lado negro da nova classe feliz. Tradução de Paulo Anthero S. Barbosa. São Paulo: Editora Planeta, 2007.
- LE BRETON, David. **L'adieu au corps**. Paris: Métailié, 1999.
- LIPOVETSKY, Gilles. **A felicidade paradoxal**. Ensaio sobre a sociedade de hiperconsumo. Tradução de Maria Lucia Machado. São Paulo: Companhia das Letras, 2007.
- PAVON-CUÉLLAR, David. **Elementos políticos de marxismo laciano**. 1. ed. México D. F.: Paradiso Editores, 2014.
- ROUDINESCO, Elisabeth. **Por que a Psicanálise?** Rio de Janeiro: Jorge Zahar, 2000.
- SAFATLE, Vladimir; Zizek, Slavoj et al; Christian Dunker; José Luiz Aidar Prado (Org.) **Zizek crítico: política e psicanálise na era do multiculturalismo**. São Paulo: Hacker Editores, 2005.

IMAGENS: SHUTTERSTOCK

